

REVISTA ANHEMBI – REFLEXÃO E SAPIÊNCIA.

Fernanda Monteiro Paranhos, Luiz Roberto Velloso Cairo. Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus Assis

O projeto de Iniciação Científica “Memória e Crítica Literária nos Periódicos Brasileiros: Revista Anhembi (1950 – 1962)” faz parte dentro do Projeto Integrado de Pesquisa “Memória e Literatura nos periódicos brasileiros”, em desenvolvimento no Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP. Visa ao levantamento, organização, sistematização e indexação dos textos publicados no periódico *Anhembi*, bem como à elaboração de uma introdução monográfica sobre a publicação.

Na primeira etapa do cronograma de atividades do projeto, foram feitas a leitura e a análise dos textos publicados nos números 41 a 43 e 45 a 49, cobrindo as datas de abril de 1954 a agosto de 1956.

A coleção existente na biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, não possui o número 44 do periódico.

A revista *Anhembi* foi idealizada e dirigida por Paulo Alfeu Junqueira Duarte – Paulo Duarte - que, no ano de 1950 almejou um espaço na cena cultural do Brasil que colaborasse com a cultura brasileira. A revista teve o seu primeiro número circulando na cidade de São Paulo em dezembro de 1950.

Nascida em São Paulo não se confinou aos limites da cidade e como um rio livre conquistou outros espaços – Rio de Janeiro, Bahia, Porto Alegre, Belo Horizonte, Canadá, Estados Unidos e alguns países da Europa.

A revista ao longo dos seus doze anos (1950 – 1962) produziu 144 números distribuídos em 48 volumes. *Anhembi* debruçou-se sobre uma variedade de temas - crítica literária, estudos etnológicos, política, literatura, ciências – objetivando sempre o enriquecimento e denunciando o imobilismo, a ausência da democracia, o analfabetismo, enfim as patologias sociais brasileiras. Notas e pequenos textos que expunham o panorama do movimento sócio-cultural eram destinados à seção “De 30 dias”, constituída por “Jornal”, “Livros”, “Teatro”, “Artes”, “Ciências”, “Música”, “Cinema” e “Esportes” sob o subtítulo de “De 30 dias”.

A revista só aceitava colaborações e publicações de elevado teor científico: “*Anhembi* escolhe os seus colaboradores. Assim não se responsabiliza por originais enviados sem convite. E não endossa as opiniões em artigos assinados. A sua própria é emitida em editoriais sem assinatura ou assinados ANHEMBI” (nº 45 Vol. XV – Agosto de 1954) e Edições ANHEMBI – A Editora ANHEMBI Ltda., iniciando o seu serviço de edições anuncia que só emprestará seu nome a publicações de elevado valor científico ou artístico. Os três anos de publicação pontual e ininterrupta da revista “Anhembi” e o alto nível cultural que manteve nos quarenta e dois números são por si mesmos, a certeza do que serão os trabalhos desta empresa em sua nova fase editorial” nº 45 Vol. XV – Agosto de 1954

Nomes como A. de Almeida Júnior, Câmara Reys, Carlos Drummond de Andrade, Florestan Fernandes, Mário da Silva Brito, Oracy Nogueira, Thomas Mann são uma pequena amostra dos colaboradores que elencaram pelas páginas da *Anhembi*.

Nestes 28 últimos números estudados textos como “O demônio no Catulê”, vários autores – Em Catulê, na fazenda São João da Mata, município de Malacacheta, Minas Gerais, um grupo de sertanejos, aderentes da Igreja Adventista da Promessa, havia sacrificado quatro crianças acusadas de estarem possuídas pelo demônio; “Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo” de Oracy Nogueira – Longo artigo etnográfico que foi compilado e editado pela *Anhembi*; emergiram fazendo com que os leitores apreendessem um Brasil por vezes distante.

Nos campos da Literatura e Crítica Literária dois textos merecem destaque: o primeiro, “Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil” de Ina Von Binzer – conto inédito que mais tarde foi editado pela *Anhembi*; e o segundo, “Notas para a história do modernismo brasileiro” de Mário da Silva Brito – traça um panorama do modernismo brasileiro.

Em janeiro de 1956, no seu sexto aniversário, a *Anhembi* passa a contar com Paulo Mendonça no cargo de redator-chefe, dirigindo com Paulo Duarte à frente do periódico. Paulo Mendonça passa a assinar uma coluna intitulada “Imagem e Semelhança”, que trazia reflexões sobre aspectos da atualidade.

O periódico, nestes 28 números, por conta do lúcido trabalho a que se propôs desde o primeiro número, manteve as suas tiragens e aumentou o quadro de colaboradores – Moinho Selmi-Dei, Colchões Probel, Ind. Brasileira de Meias S/A, Jockey Club Brasileiro – RJ, Cia Telephonica Brasileira, Fabrica Bangu e outros – que viabilizaram o curso do rio cultural *Anhembi*. Muitos desses colaboradores obtiveram êxito no cenário industrial e cultural da cidade e do Brasil.

Em pouco tempo, a revista *Anhembi* consagrou-se, sendo festejada e admirada pela intelectualidade. A pronta acolhida dada à revista explica-se também pela escassez de publicações essencialmente culturais.

Não se pode falar de época de ouro no periódico *Anhembi* sem antes tê-lo estudado por completo. Mas o material estudado até esta etapa é merecedor de tal adjetivação.

Anhembi cursou seus doze anos de vida sendo contra a mediocridade e favorável à celebração da reflexão e sapiência.

Bolsa: CNPq/ PIBIC